O QUE É A MARCHA DAS VADIAS? É uma iniciativa mundial que nasceu em 2011 no Canadá. O movimento leva esse nome em menção aos diversos abusos sexuais sofridos por mulheres na Universidade de Toronto. Na ocasião, um policial sugeriu que as mulheres evitassem usar roupas de "vadias" para que não fossem vítimas. A fala absurda do policial reflete a cultura do estupro, em que mulheres são "culpadas" pelos crimes dos quais são vítimas. Sabemos que a ÚNICA causa para haver estupro é o ESTUPRADOR, jamais uma rua deserta, short curto ou decote. A culpa NUNCA é da vítima!

"se vocês querem respeito, deveriam mudar o nome da marcha!"

POR QUE "VADIA"? É comum para muitos, atribuir expressões – como *puta*, *piranha*, *vadia* – de forma pejorativa às mulheres que fogem às expectativas de comportamento. Estas mulheres, sempre perseguidas pelo dever do respeito a si próprias*, se respeitam ao não se submeterem a um "padrão" de mulher. Ao exercitar suas liberdades, elas são hipocritamente consideradas *vadias* em nossa sociedade machista e patriarcal, onde rapazes são "pegadores" e moças, "piriguetes". Por que um pode e outro não? Levando isso em conta, o uso do xingamento no nome da marcha – e o desconforto que ele causa – é um convite à reflexão do que é ser *vadia* e *mulher*. Afinal, se ser livre é ser vadia, somos todas vadias!

*ei, pra você que acha que eu tenho que "me dar o respeito",
ele já é meu e de TODAS as mulheres – por direito.

SOBRE MULHERES E BICICLETAS ou EU VOU DE SAIA E BICICLETINHA, SIM!

"Alguns médicos, como Philippe Tissie, advertiam que a bicicleta podia causar aborto e esterilidade, e outros colegas asseguravam que este indecente instrumento induzia a depravação, porque dava prazer às mulheres que esfregavam suas partes íntimas no assento. A verdade é que, por causa da bicicleta, as mulheres se moviam por conta própria. Abandonavam a casa e desfrutavam do perigoso gostinho da liberdade. E por causa da bicicleta, o opressivo espartilho que as impedia de pedalar, saiu do armário e foi para o museu.

Trecho do livro "Os filhos dos dias", de Eduardo Galeano.

O QUE É A MARCHA DAS VADIAS? É uma iniciativa mundial que nasceu em 2011 no Canadá. O movimento leva esse nome em menção aos diversos abusos sexuais sofridos por mulheres na Universidade de Toronto. Na ocasião, um policial sugeriu que as mulheres evitassem usar roupas de "vadias" para que não fossem vítimas. A fala absurda do policial reflete a cultura do estupro, em que mulheres são "culpadas" pelos crimes dos quais são vítimas. Sabemos que a ÚNICA causa para haver estupro é o ESTUPRADOR, jamais uma rua deserta, short curto ou decote. A culpa NUNCA é da vítima!

"se vocês querem respeito, deveriam mudar o nome da marcha!"

POR QUE "VADIA"? É comum para muitos, atribuir expressões – como *puta*, *piranha*, *vadia* – de forma pejorativa às mulheres que fogem às expectativas de comportamento. Estas mulheres, sempre perseguidas pelo dever do respeito a si próprias*, se respeitam ao não se submeterem a um "padrão" de mulher. Ao exercitar suas liberdades, elas são hipocritamente consideradas *vadias* em nossa sociedade machista e patriarcal, onde rapazes são "pegadores" e moças, "piriguetes". Por que um pode e outro não? Levando isso em conta, o uso do xingamento no nome da marcha – e o desconforto que ele causa – é um convite à reflexão do que é ser *vadia* e *mulher*. Afinal, se ser livre é ser vadia, somos todas vadias!

*ei, pra você que acha que eu tenho que "me dar o respeito",
ele já é meu e de TODAS as mulheres – por direito.

SOBRE MULHERES E BICICLETAS ou EU VOU DE SAIA E BICICLETINHA, SIM!

"Alguns médicos, como Philippe Tissie, advertiam que a bicicleta podia causar aborto e esterilidade, e outros colegas asseguravam que este indecente instrumento induzia a depravação, porque dava prazer às mulheres que esfregavam suas partes íntimas no assento. A verdade é que, por causa da bicicleta, as mulheres se moviam por conta própria. Abandonavam a casa e desfrutavam do perigoso gostinho da liberdade. E por causa da bicicleta, o opressivo espartilho que as impedia de pedalar, saiu do armário e foi para o museu.

Trecho do livro "Os filhos dos dias", de Eduardo Galeano.

SOBREVIVEMOS NO ESTADO EM QUE SE MATA MAIS MULHERES NO PAÍS

Em 23/06/14, em Vila Velha, Gabriela de Oliveira Bomfim Sampaio foi estuprada, degolada, atingida por cinco facadas, teve um celular colocado na boca e uma faca na vagina. O assassino filmou o crime e enviou para a mãe da vítima. O caso da jovem não é isolado, notícias semelhantes nos bombardeiam diariamente nos jornais locais. Segundo dados de 2013 do IPEA, a taxa de mortes femininas por violência doméstica no ES foi de 11,24 mortes para cada 100 mil mulheres, mais que o dobro da média nacional. O estudo estima que, de 2009 a 2011, o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios - mortes por conflito de gênero, principalmente vindos de casos de agressão pelo parceiro.

NÃO É CONTRA OS HOMENS, É CONTRA O MACHISMO impregnado no imaginário que classifica a mulher como acessório e o homem como essencial, superior. E que mostra sua face em propagandas que objetificam o corpo feminino; na bolinação (eufemismo para estupro) em transportes públicos; na cantada que não elogia, mas ameaça e constrange; em tragicômicas frases de efeito ("mulher no volante, perigo constante"); etc. A luta favorece os homens, que muitas vezes não se percebem também oprimidos; queremos um mundo com homens que choram, dançam, se sensibilizam sem prejuízo na "masculinidade". Na verdade, não só homens, mas mulheres também reproduzem o machismo. Ele está instalado, por exemplo, na rivalidade que alimentamos umas contra as outras; na reiteração incessante de uma posição submissa e depreciativa destinada – também por outras mulheres – à mulher.

Por isso o FEMINISMO é tão necessário. No Brasil, a união das mulheres conquistou o direito ao voto, licença maternidade, Lei Maria da Penha, delegacias de proteção à mulher, Disque 180, anticoncepcional gratuito, entre outras conquistas. Porém, ainda recebemos 30% a menos do que os homens para exercer as mesmas funções; apesar de sermos mais de 50% do eleitorado, ocupamos apenas 9% das cadeiras do Congresso Nacional, entre outras disparidades. Portanto, nossa luta não é por privilégios. É por igualdade, equidade e respeito.

MARCHA DAS VADIAS 2014 – SÁB – 02/08 – TEATRO DA UFES ÀS 17H

Compartilhe! https://www.facebook.com/marchadasvadias.es

SOBREVIVEMOS NO ESTADO EM QUE SE MATA MAIS MULHERES NO PAÍS

Em 23/06/14, em Vila Velha, Gabriela de Oliveira Bomfim Sampaio foi estuprada, degolada, atingida por cinco facadas, teve um celular colocado na boca e uma faca na vagina. O assassino filmou o crime e enviou para a mãe da vítima. O caso da jovem não é isolado, notícias semelhantes nos bombardeiam diariamente nos jornais locais. Segundo dados de 2013 do IPEA, a taxa de mortes femininas por violência doméstica no ES foi de 11,24 mortes para cada 100 mil mulheres, mais que o dobro da média nacional. O estudo estima que, de 2009 a 2011, o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios - mortes por conflito de gênero, principalmente vindos de casos de agressão pelo parceiro.

NÃO É CONTRA OS HOMENS, É CONTRA O MACHISMO impregnado no imaginário que classifica a mulher como acessório e o homem como essencial, superior. E que mostra sua face em propagandas que objetificam o corpo feminino; na bolinação (eufemismo para estupro) em transportes públicos; na cantada que não elogia, mas ameaça e constrange; em tragicômicas frases de efeito ("mulher no volante, perigo constante"); etc. A luta favorece os homens, que muitas vezes não se percebem também oprimidos; queremos um mundo com homens que choram, dançam, se sensibilizam sem prejuízo na "masculinidade". Na verdade, não só homens, mas mulheres também reproduzem o machismo. Ele está instalado, por exemplo, na rivalidade que alimentamos umas contra as outras; na reiteração incessante de uma posição submissa e depreciativa destinada – também por outras mulheres – à mulher.

Por isso o FEMINISMO é tão necessário. No Brasil, a união das mulheres conquistou o direito ao voto, licença maternidade, Lei Maria da Penha, delegacias de proteção à mulher, Disque 180, anticoncepcional gratuito, entre outras conquistas. Porém, ainda recebemos 30% a menos do que os homens para exercer as mesmas funções; apesar de sermos mais de 50% do eleitorado, ocupamos apenas 9% das cadeiras do Congresso Nacional, entre outras disparidades. Portanto, nossa luta não é por privilégios. É por igualdade, equidade e respeito.

MARCHA DAS VADIAS 2014 – SÁB – 02/08 – TEATRO DA UFES ÀS 17H

Compartilhe! https://www.facebook.com/marchadasvadias.es